

# Sarney já pensa no século XXI

**CARLOS CHAGAS**

A grande preocupação do governo, ontem, referia-se às repercussões políticas das medidas econômicas anunciadas à noite pelo presidente José Sarney. Porque, mesmo sob a boa vontade geral, o Palácio do Planalto não ignora estar promovendo um aumento nos preços da gasolina, do álcool e dos carros novos e usados, ainda que sob a forma de empréstimo compulsório. A classe média vai pagar mais caro para se locomover, assim como aumentarão os protestos de muitos produtores, especialmente de gêneros alimentícios, por conta do transporte. Nem toda a frota transportadora desses gêneros utiliza o óleo diesel, sobre o qual não recairá o empréstimo compulsório. Os setores mais conservadores protestarão, podendo sensibilizar parte da classe média.

Há, ainda, para preocupar o governo, o fator ideológico. A facilitação para o capital estrangeiro poder adquirir nas bolsas do Rio e São Paulo ações de empresas brasileiras, públicas e privadas, despertará os velhos chavões de sempre, não deixando de sensibilizar parte do PMDB. Mas fornecerá, acima de tudo, massa de manobra para as esquerdas radicais.

Devendo despertar reações de um lado e de outro, o pacote ontem baixado será capaz de ter reflexo nas eleições de novembro, e, por isso, o governo buscará explicá-lo e dissecá-lo ao máximo diante da opinião pública. As medidas servirão para manter a inflação sufocada, mas o aspecto central a ser difundido pelo governo dirá respeito aos recursos que, de agora em diante, serão destinados ao setor social. O volume de dinheiro arrecadado pelo Estado, por conta da venda de ações das empresas estatais e dos empréstimos compulsórios, terá destinação prioritária para os planos assistenciais. Não deixará de beneficiar, também, a empresa privada, através de programas de modernização.

Vai ser assim que a Nova República enfrentará a inevitável onda de críticas, e foi por isso, entre outros motivos, que o presidente José Sarney decidiu adotar agora as retificações econômicas: para que dê tempo, daqui até as eleições, de pelo menos uma parte de seus objetivos ser concretizada. Se a população perceber que os planos de distribuição de leite aos carentes, por exemplo, viabilizam-se e ganham as ruas, entenderá melhor por que a gasolina e o álcool aumentaram de preço. Se a

oferta de empregos aumentar através de programas implementados junto às empresas, não será difícil explicar ter sido esse resultado obtido pela venda de ações das estatais ou pelo fluxo maior de ingresso de recursos estrangeiros.

O Partido da Frente Liberal ensaiou resistências aos empréstimos compulsórios, inclusive obtendo a redução das alíquotas, no caso dos combustíveis e dos carros usados. O PMDB, mesmo atentando para os efeitos dos aumentos, enfocou seus temores no capítulo da facilitação ao ingresso e à remessa de lucros, por parte do capital estrangeiro.

Sarney está preparado para as diversas conseqüências políticas de seu ato. Espera compreensão da Aliança Democrática, obtida por meio do diálogo. Não havia alternativa, se a rota segue no rumo do aprimoramento social. Recursos precisavam ser encontrados. A inflação também ameaçava voltar a dar o ar de sua graça, e, agora, poderá ser ferreamente mantida em índices pouco superiores a zero.

Houve quem aconselhasse o presidente a deixar a presente reforma econômica para depois de novembro, mas ele reagiu. Não quis repetir os governos an-

teriores, useiros e veseiros em adotar medidas impopulares logo depois de eleições, nunca antes. Seu plano de metas, também revelado ontem, visa elevar a qualidade de vida do cidadão comum. Nessa tecla, baterá e mandará que batam ministros, auxiliares e aliados, entre os quais inclui as lideranças do PFL e do PMDB. Quanto aos pe-tardos em preparação nas áreas que lhe são hostis, importa rechaçá-los. De Paulo Maluf e Leonel Brizola, Sarney sabe que as críticas virão, assim como as distorções e os aproveitamentos, mas acredita que a população, consciente e informada, saberá separar a exploração política da realidade dos fatos.

Não restam dúvidas de constituir, o momento presente, um período delicado para o governo, mas como ainda ontem repetia um dos principais auxiliares presidenciais, a administração da Nova República permanece atuando dentro de transparência cristalina. As dificuldades não são negadas, as correções não são proteladas e os objetivos, mais do que tudo, são confirmados. Como Sarney disse ao colega Carlos Castello Branco, está em desenvolvimento uma estratégia que pretende preparar o País para o ingresso no século XXI.